

em evidência um homem introspectivo e melancólico, notadamente em *Hamlet*.

Com relação ao sobrenatural, Shakespeare é muito mais específico em *The Tempest* [A Tempestade]. O protagonista, Próspero, duque legítimo de Milão, abandonou todas as exterioridades mundanas; ele obtém controle sobre a mente dos homens, assim como, também, sobre o ar e o mar. Jones considera isto como "a mais explícita declaração" do autor, no que se refere ao "poder da vontade do homem sobre a matéria inanimada". Esta foi a última peça de Shakespeare, e Jones acha que o autor usou esse recurso para dramatizar o conceito de que, basicamente, a matéria é uma ilusão e, assim sendo, Próspero consegue controlar "o homem e os elementos" porque "ele representa a mente — a realidade primária, sobre a qual o universo está assentado".

Uma análise mais recente é oferecida por Sherman Yellen em *The Psychic World of William Shakespeare* [O Mundo Psíquico de William Shakespeare], impresso no *International Journal of Parapsychology* (Summer, 1961). O Sr. Yellen faz notar que os representantes do "novo criticismo", sempre vasculhando à cata de simbolismos literários, teriam encontrado pouca razão para vanglória no fato, aparentemente óbvio, de que Shakespeare "acreditava em profecias, feitiçaria, astrologia, magia e fantasmas". Ele agrega: "Pode-se dizer que a Inglaterra localizou, em Shakespeare, seu primeiro pesquisador psíquico legítimo." Ele foi o primeiro a ignorar a tradição dos fantasmas clássicos, abjurando as sombras lamurientas que descrevem as torturas de um inferno grego e substituindo as crenças psíquicas dos seus próprios dias". Em 1594, *Ricardo III* refletiu "a força negra e maligna do sobrenatural, na história do teatro", enquanto que *Sonho de uma Noite de Verão* oferece a "despreocupada e jovial aceitação" dessas forças, em uma comédia. Yellen recorda-nos de que Ricardo tenta explicar os espíritos atormentados de suas vítimas como sendo sua própria "consciência covarde", o que o tornou "o primeiro dos muitos vilões, ou homens transviados, de Shakespeare, que tentaram ignorar o sobrenatural", entre eles Edmond, no *Rei Lear*, Iago em *Otelo*, e Cassius em *Júlio César*. Em *Hamlet*, de acordo com este ponto de vista [de Yellen], "uma a uma, as dúvidas do sobrenatural são vencidas e, no final, sabemos que as afirmações dos espectros são corretas". De *Macbeth*, Yellen escreve que "as predições sobrenaturais a princípio funcionaram com a

cooperação de Macbeth e mais tarde continuaram funcionando a despeito de todas as suas tentativas de impedir que elas se realizassem". Aqui está uma forte tendência para a aceitação do destino, para a predeterminação.

Yellen verificou que os espectros de Shakespeare são semelhantes aos que foram relatados às sociedades de pesquisas psíquicas dos séculos XIX e XX, que "quase sempre são vistos só por uma pessoa e participam de características que cruzam ambas as fronteiras, nacional e histórica". Esta poderia ser a razão, observa ele, de parte da admiração universal consagrada a Shakespeare, cuja obra "descende da herança comum das tradições e lendas sobre fantasmas, o que torna suas peças imediatamente compreensíveis para todos os povos e em todas as épocas". Se jamais um autor teatral teve "uma audiência ávida de dramas psíquicos", escreve Yellen, ele foi Shakespeare, cujos contemporâneos estavam "profundamente interessados nos pontos sutis do sobrenatural". As bruxas de Shakespeare, em *Macbeth*, mostram que ele havia lido o livro de Scot, sobre feitiçaria.

Trabalhando separadamente, Yellen chega a uma conclusão semelhante àquela de Jones. Ele acha que, na época em que estava escrevendo *Macbeth*, Shakespeare havia abandonado sua "jovial aceitação do sobrenatural" e mostrava "seu horror ao mundo invisível". Isto, escreve Yellen, não significa que ele "de repente começou a ter medo de espectros, mas, sim, que ele está profundamente aterrado, ante o mal oculto nos homens, que liberta esses fantasmas". De novo como Jones, ele vê o tema do poder sobrenatural cristalizado em Próspero, na *A Tempestade*. Yellen observa, referindo-se ao protagonista, que o seu "poder de dominar os espíritos e de conversar com eles é um resultado direto da sua autoridade de homem sábio", mostrando que o conhecimento supremo é "a estrada definitiva para o poder psíquico". Não obstante, existem restrições: "A mágica de Próspero conhece seus limites. Tal arte, como a que ele possui, não o conforta e nem o embala com uma falsa ilusão de poder." Yellen considera *A Tempestade* como a "reconciliação final", de Shakespeare, "com o sobrenatural", de acordo com o qual "o supremo ato de magia é a renúncia da magia".

Yellen conclui que Shakespeare "respeitou o sobrenatural" de uma forma diferente daquela demonstrada pela maioria dos